



ONQOTÔ
celebra os
30 anos
do Grupo
Corpo, no
Teatro
Municipal

Crítica ■ Dança

A mão dupla do corpo

Harmonia entre ordem e liberdade criadora salta de 'Onqotô'

ROBERTO PEREIRA

Entre o big bang e o big mac, a corruptela mineira que pergunta "onde que eu estou?". Do quintal de casa para o mundo. O Grupo Corpo comemora 30 anos com uma pergunta: *Onqotô*, espetáculo que estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro na quarta-feira. Na verdade, a pergunta filosófica aplica-se, como toda pergunta filosófica, ao micro e ao macro ao mesmo tempo: ao próprio Grupo Corpo e à dança, àquele que vem de Minas Gerais e àquele que vem de qualquer parte do mundo. Em tudo, a questão da origem e do destino como setas em mão dupla, sem hierarquias, sem causalidades.

Para tanto, o velho time mineiro se alia a novos parceiros, além de um já conhecido, José Miguel Wisnik, que comparece novamente para compor a música, num trabalho conjunto com Caetano Veloso e, com eles, nomes como Luís de Camões e Gregório de Matos. Um outro parceiro inédito ainda: Nelson Rodrigues, que, ao afirmar que o jogo do Fla-Flu começou 40 minutos antes do nada, inspira os músicos e o coreógrafo. As flechas do

tempo disparadas em sincronias são, assim, transformadas em dança.

Para falar de origem, Rodrigo Pederneiras, coreógrafo da companhia, enriqueceu ainda mais seu vocabulário de dança e, semelhante ao que acontece no próprio título da obra, cria neologismos de seus próprios movimentos. O chão aparece forte, como que (re)estabelecendo uma ligação com a terra. Para esse retorno, um outro novo elemento: a queda. Ou ainda o som das batidas dos pés dos bailarinos logo no início, quase tribal, numa percussão de pulso, de pulsão. Ao mesmo tempo, peso e leveza convivem em massas quase uniformes e em pequenos solos e duos, resgatando, a um só tempo, o individual e o coletivo.

E mesmo que haja uma liberdade quase despudorada no uso da frontalidade, e uma certa obviedade no solo do bailarino ao som dos versos de Camões musicados por Caetano, o que se organiza ali coreograficamente é uma harmonia entre a ordem e a liberdade criadora. Coisa de artista, enfim.

O figurino, assinado por Freusa Zechmeister, é minimalista e indicial,

formando blocos de cores mas também sugerindo sutilmente o Fla-Flu nas meias dos bailarinos, num breve momento. O cenário, ou o "não-cenário", como quer Paulo Pederneiras, mesmo fazendo lembrar outras soluções semelhantes (como o já clássico *Stamping Ground*, de Jiri Kylián, ou *Rain*, de Anne Teresa de Keersmaeker), cria um lugar de não referencialidade, sem a marca do tempo, reforçando ainda mais a questão que nomeia a obra, ou seja, a que indaga sobre o onde (e o quando) se está.

Comemorar 30 anos de dança num país como o Brasil colocando-se uma pergunta parece aliar certezas e desafios e transformá-los em matéria-prima para a criação. *Onqotô* é essa aliança. Mas como toda aliança que nasce por essas terras, essa também vem cercada de mistérios, como diz o verso do poeta Gregório de Matos que compõem o espetáculo: "Mistérios mil que desenterra... enterra".

Onqotô. Balé com o Grupo Corpo. Coreografia de Rodrigo Pederneiras e música de Caetano Veloso e José Miguel Wisnik. Teatro Municipal. Praça Marechal Floriano, s/nº. Sex, sáb e seg, às 20h. Dom, às 17h.